



PALATALIZAÇÃO DE /d/ DIANTE DE /i/ E /e/ NO FALAR AMAPAENSE

Romário Duarte Sanches

Universidade Federal do Pará e Universidade do Estado do Amapá

Jamille Luiza de Souza Nascimento

Universidade do Estado do Amapá

RESUMO

O trabalho tem por objetivo mostrar a palatalização da consoante alveolar /d/ diante das vogais /i/ e /e/, com base nos dados do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). A pesquisa ancora-se na abordagem da geolinguística pluridimensional ou geossociolinguística, em que estão inseridos os trabalhos de Razky (2010), Cardoso et al. (2014), Razky, Ribeiro e Sanches (2017) etc. A metodologia utilizada é a mesma encontrada no ALAP, com a seleção das seguintes localidades: (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, (04) Laranjal do Jarí, (05) Pedra Branca do Amapari, (06) Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque. Para cada localidade foram entrevistados 40 informantes divididos entre duas faixas etárias (18-30 anos e 50-75 anos). Estes, também, foram divididos em dois grupos por sexo: masculino e feminino. Para análise do processo de palatalização do fonema /d/ foi selecionada a carta fonética de número 12 do ALAP, que apresenta o mapeamento dos seguintes itens fonéticos: dia, tarde, desvio e perdida. Os resultados mostraram que 89% dos dados analisados apresentam o processo de palatalização e somente 11% indicaram a não realização.

Palavras-chave: Variação fonética; Palatalização; Geossociolinguística.

ABSTRACT

The work aims to show the palatalization of the alveolar consonant / d / in front of vowels / i / and / e /, based on data from the Amapá Language Atlas (ALAP). The research is anchored in the approach of multidimensional Geolinguistics or geossociolinguística, in which are included the studies of Razky (2010), Cardoso et al. (2014), Razky, Ribeiro and Sanches (2017) etc. The methodology used is the same one found in ALAP, with the selection of the following localities: (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, (04) Laranjal do Jarí, (05) Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene and (10) Oiapoque. For each locality, 40 informants were interviewed and they were divided between two age groups (18-30 years and 50-75 years). These were also divided into two groups by sex: male and female. For the analysis of the palatalization process of / d / was selected the phonetic map of number 12 of the ALAP, which presents the map of the according to the phonetic items: dia, tarde, desvio e perdida. The results showed that 89% of the analyzed data present the process of palatalization and only 11% indicated non realization.

Keywords: Phonetic variation. Palatalization. Geossociolinguística.



Romário Duarte Sanches é doutorando e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e professor da Universidade do Estado do Amapá.

E-mail: duarte.romrio@gmail.com

Jamille Luiza de Souza Nascimento é graduanda em Letras/Francês pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP).

E-mail: amb.jamille.lsn@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os estudos de caráter geolinguístico no Estado do Amapá somam em média 20 trabalhos (monografias, artigos, dissertações e teses) produzidos entre 2008 e 2019. Nesse período foi possível identificar que boa parte deles objetivou registrar a variação lexical do português falado no Amapá. Ainda são poucos os publicados, embora essa pequena quantidade de pesquisas tenha contribuído de forma relevante para o campo da geolinguística na região. Um dos mais importantes, sem dúvida, é o *Atlas Linguístico do Amapá*, cujo objetivo central foi descrever e mapear o português brasileiro falado em 10 municípios do Estado do Amapá, destacando a variação linguística de cada localidade.

O Projeto ALAP teve início em 2010, mas somente após sete anos de trabalho coletivo foi lançado o primeiro volume do Atlas Linguístico do Amapá. O atlas foi publicado em 2017, na ocasião do V Workshop do ALAP, realizado na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. O livro é composto por sete partes: 1) Estado do Amapá; 2) Os municípios de pesquisa; 3) Metodologia; 4) Cartas introdutórias; 5) Cartas lexicais e 6) Cartas estratificadas. No total foram elaboradas 119 cartas linguísticas sobre a variação fonética e lexical no Amapá. As cartas fonéticas expõem a unidade e a diversidade dos fenômenos fonéticos e fonológicos que caracterizam os falares do Norte; as cartas lexicais exploram as denominações dadas para

objetos, animais, frutas, plantas, fenômenos da natureza, entre outros elementos peculiares ao Estado do Amapá.

Com a publicação do ALAP, houve a necessidade de analisar e de divulgar os resultados alcançados. Diante disso, este trabalho configura-se com um desdobramento do projeto de pesquisa intitulado *Análise Geossociolinguística dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Amapá*, coordenado pelo professor Romário Sanches, na Universidade do Estado do Amapá – UEAP. O projeto está vinculado ao Grupo de Pesquisa *Atlas Linguístico do Amapá* (ALAP), com sede na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). O presente estudo tem por finalidade mostrar o processo de palatalização da consoante alveolar /d/ diante das vogais /i/ e /e/ na fala de amapaenses.

O artigo está organizado da seguinte forma:

- i) Introdução,
- ii) Da geolinguística monodimensional à pluridimensional,
- iii) Palatalização de oclusivas alveolares no Português Brasileiro,
- iv) Procedimentos metodológicos,
- v) Apresentação dos resultados e vi) Considerações finais.

1 DA GEOLINGUÍSTICA MONODIMENSIONAL À PLURIDIMENSIONAL

De acordo com Cardoso (2016, p.13) a Dialetoлогия é um “ramo da Linguística que se ocupa da identificação e descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados”. Concernente a essa definição, insere-se a Geolinguística, considerada um método da Dialetoлогия.

Romano (2014) concebe a Geolinguística como um ramo dos estudos dialetais, subordinada à Dialetoлогия, portanto, uma subdisciplina. Conforme o autor, o fazer geolinguístico significa, necessariamente, fazer pesquisa dialetológica, uma vez que o objetivo



principal é evidenciar formas e expressões linguísticas usadas em determinado espaço geográfico. Entretanto, a Geolinguística não se resume à simples representação dos dados em cartas linguísticas, mas envolve um conjunto de processos metodológicos e técnicos que vão desde a elaboração de questionários até a elaboração e interpretação de cartas linguísticas com auxílio de *softwares* computacionais.

Este autor lista alguns desses processos pela qual a pesquisa geolinguística passa, como:

[...] Elaboração de questionários com base nos objetivos da pesquisa; seleção dos informantes considerando variáveis envolvidas a partir do objetivo da pesquisa; treinamento do pesquisador de campo em trabalhos desta natureza; aplicação padronizada dos instrumentos de coleta de dados; transcrição e revisão de dados geolinguísticos; elaboração de bancos de dados geolinguísticos para tratamento quantitativo e/ou cartográfico; elaboração de cartas linguísticas seja com *softwares* computacionais atrelados a banco de dados, seja com ferramentas de edição de imagem; interpretação minuciosa e tratamento dos dados cartografados; tratamento dialetométrico para verificar a difusão areal de formas e expressões linguísticas (ROMANO, 2014, p. 150).

Comumente, a aplicação do método geolinguístico, em estudos de caráter dialetológico, visa à elaboração de atlas linguísticos, isto é, um conjunto de mapas temáticos de uma determinada área que mostra a distribuição geográfica de fenômenos linguísticos¹.

No Brasil, já foram publicados alguns atlas linguísticos que tendem a ser classificados como atlas monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais². De acordo com Thun

(1997), essa classificação é dada a partir das novas contribuições advindas do campo da Dialectologia moderna, assim, os atlas monodimensionais ou de primeira geração estão focados na dimensão espacial, ou seja, permitem a identificação do uso da língua dentro de uma determinada área geográfica, objetivando apenas a contemplação da variação diatópica. Neste caso, citamos o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, *et al.*, 1963); o *Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais* (ZÁGARI, *et al.*, 1977); do *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENEZES, 1984) e o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (KOCH, *et al.*, 2002; 2011).

Sobre os atlas bidimensionais ou de segunda geração, Thun (1997) afirma que estes estariam interessados em mostrar a variação linguística para além de seu aspecto diatópico, permitindo identificar os usos linguísticos por meio de mais de uma variável, podendo ser esta diastrática, diagenérica, diageracional etc. Neste sentido, destacamos o *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA, *et al.*, 1987); *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994); *Atlas Linguístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2005) e o *Atlas Linguístico do Paraná II* (ALTINO, 2007).

Os atlas pluridimensionais ou de terceira geração são aqueles que, além da dimensão diatópica (geográfica), contemplam também mais de duas variáveis sociais e/ou dimensões. Para Thun (1997), umas das características marcantes desses atlas é o cruzamento de dados linguísticos com dados extralinguísticos. Como exemplo, temos os atlas regionais: *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (RAZKY, 2004); *Atlas Linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004), o *Atlas Linguístico de Pernambuco* (SÁ, 2013), o *Atlas Linguístico do Amapá* (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017); e o maior projeto de atlas já

¹ Conforme Trudgill e Campoy (2007, p. 47).

² Essa classificação também é definida por Cardoso (2010) como atlas de primeira geração, segunda geração e terceira geração.



firmado no país, o *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* (CARDOSO, *et al.*, 2014).

Vale destacar que o ALiB foi fundamental para elaboração de atlas pluridimensionais no Brasil, pois, forneceu as bases teórico-metodológicas (como a seleção da rede de pontos, do perfil dos informantes e do processo cartográfico) dos atlas regionais supracitados.

Em consonância com a perspectiva dos atlas pluridimensionais, Razky (2010, p.72) defende uma metodologia de caráter geossociolinguístico. Para ele, essa abordagem é necessária para compensar os limites da Geolinguística tradicional e da Sociolinguística, pois a primeira tende a focar na dimensão social da variação linguística e a segunda está preocupada com o aspecto geográfico. Com isso, surge a ideia de unir o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística com a da Geolinguística, buscando evidenciar a variação linguística em sua dimensão macrolinguística e microlinguística.

2 PALATALIZAÇÃO DE OCLUSIVAS ALVEOLARES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para Silva (2011, p. 168), a palatalização é um fenômeno pelo qual uma consoante adquire uma articulação palatal ou próxima à região palatal. No português brasileiro, ocorre a palatalização de oclusivas alveolares antes da vogal alta [i] ou glide palatal [j]. De acordo com esse fenômeno, as oclusivas alveolares /t, d/ serão manifestadas respectivamente como as africadas [tʃ, dʒ] quando forem seguidas de [i, ɪ, ỹ, j].

Abaurre e Pagotto (2002, p. 557) apresentam a palatalização como um processo assimilatório no qual a parte frontal da língua se move em direção ao palato duro, podendo afetar tanto consoantes articuladas na região posterior da cavidade bucal, como /k/, /g/, quanto consoantes articuladas na região anterior da cavidade bucal, como /t/, /d/, /s/.

Em relação aos trabalhos sobre a palatalização no Brasil, de caráter sociolinguístico, temos, por exemplo, o estudo de Abaurre e Pagotto (2002), que diz respeito à realização das consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ nos contextos em que são seguidas de uma vogal foneticamente realizada como alta anterior [i]. O *corpus* analisado faz parte do *Projeto Gramática do Português Falado*. Os autores detêm-se aos dados de fala das cidades de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife e chegam à conclusão de que há uma polarização na fala entre informantes de Recife e do Rio de Janeiro, uma vez que esse fenômeno ocorre com 7% em Recife, 40% em Porto Alegre, 73% em São Paulo, 85% em Salvador e 100% no Rio de Janeiro.

Outro trabalho importante, de caráter geolinguístico, que deve ser mencionado aqui, é o ALiB. Nele, podemos apreciar a carta fonética F06C1 (CARDOSO, *et al.*, 2014, p. 123), que ilustra a ocorrência da palatalização de /t/ e /d/ diante da vogal palatal alta, como em *mentira, dia, prateleira, noite, desvio, conjuntivite, perdida* e *hóspede*. Os dados foram coletados em 25 capitais brasileiras, sendo entrevistados oito informantes em cada localidade.

Diante dos dados do ALiB, Mota (2016, p. 54), aponta que, do ponto de vista diatópico, a palatalização das oclusivas alveolares acontece com índice alto de frequência em boa parte das capitais brasileiras, configurando-se como variante de maior prestígio no português brasileiro. E, de modo contrário, mantém-se a articulação dental das oclusivas /t/ e /d/ em capitais do Nordeste.

Assim, a palatalização das oclusivas alveolares ocorreu, de forma categórica ou com índices elevados de frequência (acima de 90%), em todas as capitais do Norte (Boa Vista Macapá, Manaus, Belém, Porto Velho e Rio Branco) e do Sudeste (Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Vitória), em quatro do



Nordeste (Teresina, São Luís, Fortaleza e Salvador), em duas do Centro-Oeste (Campo Grande e Goiânia) e em uma do Sul (Porto Alegre). Já os índices mais baixos de palatalização (entre 16% e 31%) encontram-se em cinco capitais do Nordeste (Natal, João Pessoa, Recife, Maceió e Aracaju).

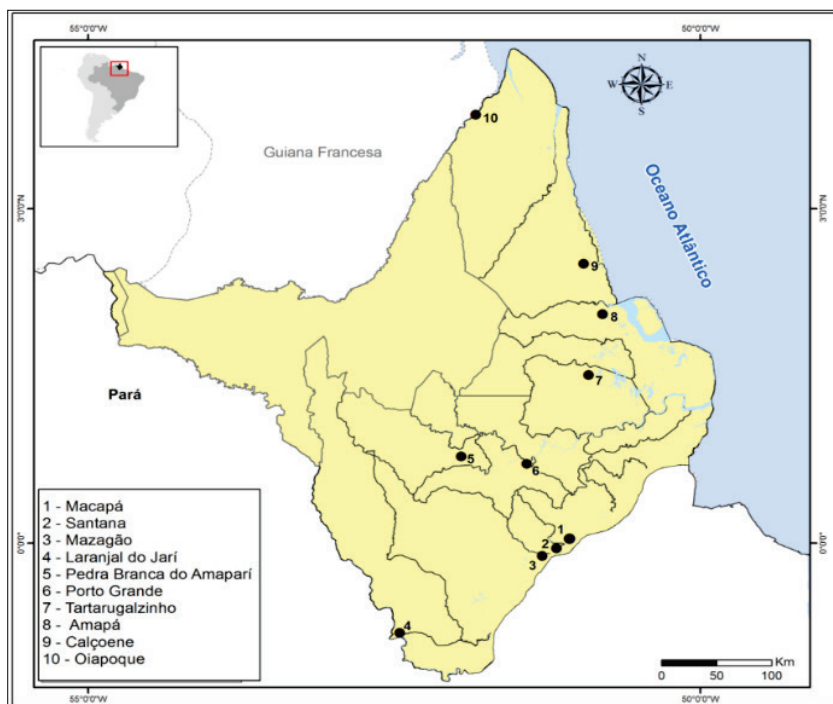
Com base nos estudos mencionados, é possível perceber que os *corpora* dos projetos citados se complementam, ratificando os resultados alcançados por Abaurre e Pagotto (2002) e Mota (2016). E, também, permitem-nos inferir uma mudança em curso na cidade de Porto Alegre, já que, na década de 1990 (período de realização da pesquisa para o *Projeto Gramática do Português falado*), a palatalização havia sido registrada com 40% de frequência e, conforme os dados apresentados por Mota (2016), essa realização encontra-se com alta frequência (acima de 90%), indicando que houve o enfraquecimento da oclusiva alveolar e o fortalecimento da africada alveopalatal.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada neste trabalho é a mesma empregada para o Projeto ALAP, tendo por base o método geolinguístico. Assim, foram selecionadas as seguintes localidades (Figura 1): (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, 04 (Laranjal do Jari), (05) Pedra Branca do Amapari, (06) Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque.

Para cada localidade foram entrevistados 40 informantes divididos entre duas faixas

Figura 01 – Pontos de inquérito



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 53) (adaptado pelos autores)

etárias (18-30 anos e 50-75 anos) e entre homens e mulheres.

Os dados analisados aqui compõem o *corpus* do ALAP, com a seleção da carta fonética F12 (Palatalização de /d/ diante de /i/ e /e/), que mapeou os itens fonéticos *dia*, *tarde*, *desvio* e *perdida*. Vale ressaltar que no ALAP consta somente o mapeamento diatópico, mas para este estudo iremos analisar, também, a variação social (sexo e faixa etária).

Neste caso, a organização dos dados diastráticos (sexo e faixa etária) foi feita com o auxílio de *softwares*, como Excel e Word, para tabulação e contagem das ocorrências do fenômeno fonético, isto é, foram verificadas as transcrições fonéticas e os áudios correspondentes que assinalavam a ocorrência ou não da palatalização. Após essa etapa foram confeccionados os gráficos temáticos, possibilitando visualizar a ocorrência total em cada variável controlada.



4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

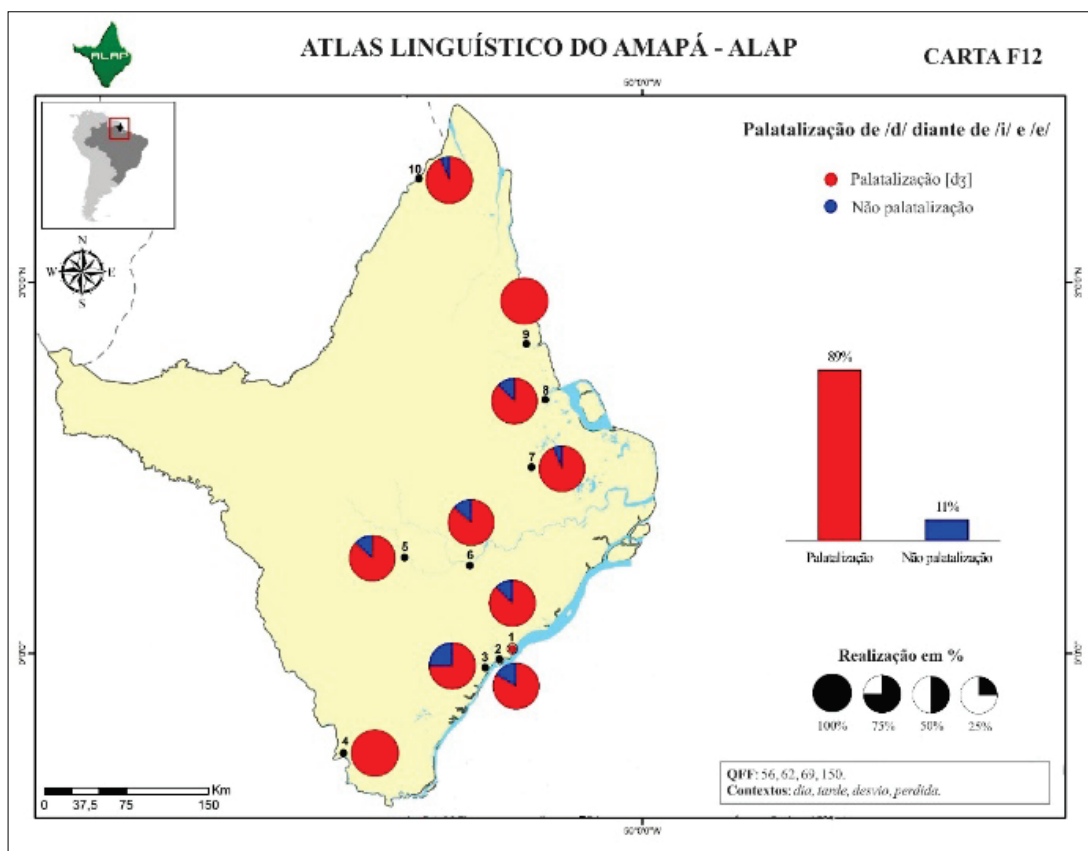
Como já mencionado, as cartas fonéticas do *Atlas Linguístico do Amapá* (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017) apresentam a descrição e o mapeamento diatópico dos fenômenos fonético-fonológicos do Português falado no Estado. Entretanto, esses resultados necessitam de uma análise do aspecto social da variação, na intenção de verificar se há influência das variáveis sexo e faixa etária no processo de palatalização de /d/ diante das vogais /i/ e /e/. Diante disso, apresentaremos inicialmente uma análise da variação geográfica e posteriormente uma análise social do referido fenômeno.

No que diz respeito à variação geográfica do processo de palatalização de /d/ no Amapá, a Figura 02 ilustra a distribuição diatópica da realização e da não realização da palatalização.

A figura mostra que a palatalização de /d/ ocorreu em todas as localidades, com 100% de frequência nos pontos 04 (Laranjal do Jari) e 09 (Calçoene). A localidade 04 está localizada ao extremo sul do Estado e a localidade 09, mais ao norte. Os demais municípios aparecem com uma frequência baixa de não realização da palatalização, isto é, os informantes entrevistados, em sua maioria, falam: ['dʒiɛ], ['taɦdʒi], [dʒiʒ'viw] e [peɦ'dʒidɛ]. Já em menor frequência preferem não palatalizar o fonema /d/, como em: ['diɛ], ['taɦdi], [deʒ'viw] e [peɦ'didɛ].

Em termos de porcentagem, identificamos que em Laranjal do Jari (04) e Calçoene (09) a palatalização de /d/ diante das vogais /i/ e /e/ ocorreu com 100%; em Tartarugalzinho (07) e Oiapoque (10), com 94%; em Macapá (01),

Figura 02 – Variação geográfica do processo de palatalização de /d/ diante de /i/ e /e/



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 67).



Pedra Branca do Amapari (05), Porto Grande (06), Amapá (08), com 87%; em Santana (02), com 83%; e em Mazagão (03), com 75%. Abaixo segue o Quadro 01 com o número de ocorrência e porcentagem por localidade.

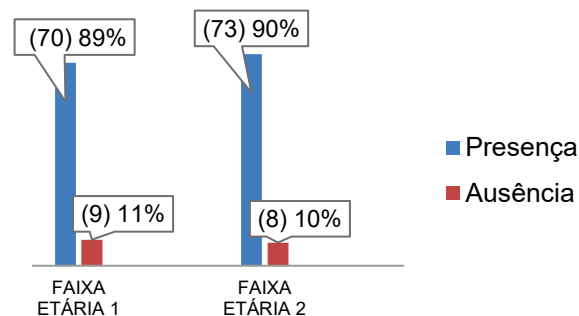
Quadro 01 – Números de ocorrências por localidade

Localidades	Palatalização		Não Palatalização	
	ocor.	%	ocor.	%
Macapá	14	87%	2	13%
Santana	15	83%	3	17%
Mazagão	12	75%	4	25%
Laranjal do Jari	16	100%	0	0%
Pedra Branca do Amapari	13	87%	2	13%
Porto Grande	13	87%	2	13%
Tartarugalzinho	15	94%	1	6%
Amapá	14	87%	2	13%
Calçoene	16	100%	0	0%
Oiapoque	15	94%	1	6%
Total	143 ocor.		17 ocor.	

Fonte: Elaboração dos autores.

No que tange ao aspecto social da variação, cita-se a variável faixa etária: identificamos que a realização da palatalização de /d/ ocorreu com 89% de frequência na fala dos informantes de 1ª faixa etária e 90% na fala de informantes de 2ª faixa etária. Já a ausência de palatalização foi registrada com 11% de frequência na fala dos informantes de 1ª faixa etária e 10% nos de 2ª faixa etária, conforme Gráfico 01.

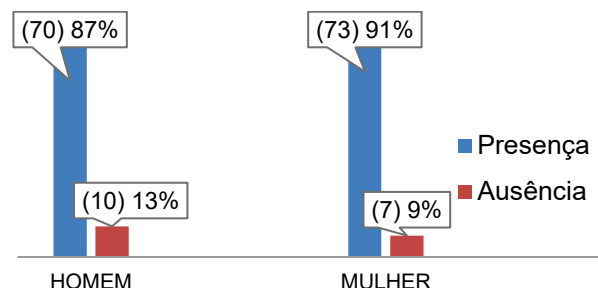
Gráfico 01 – Frequência de palatalização de /d/ por faixa etária



Fonte: Elaboração dos autores.

Sobre a variável sexo, observamos que a palatalização de /d/ ocorreu com 87% na fala de informantes do sexo masculino e com 91% na fala de informantes do sexo feminino. A não realização da palatalização ocorreu com menor frequência na fala de ambos os sexos, com 13% de ocorrência na fala de informantes do sexo masculino e 9% nos de sexo feminino, como mostra o Gráfico 02.

Gráfico 02 – Frequência de palatalização de /d/ por sexo



Fonte: Elaboração dos autores.

Com base nos resultados da variação social apresentados, fica evidente que a palatalização e não palatalização de /d/ diante das vogais /i/ e /e/ parece não obter influência das variáveis sexo e faixa etária. Tanto os homens quanto as mulheres fazem uso da africada [dʒ] ou da oclusiva [d] em vocábulos como *dia*, *tarde*, *desvio* e *perdida*.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho investigou a ocorrência do processo de palatalização no fonema /d/ diante das vogais /e/ e /i/ no Estado do Amapá. Os dados apontam que a variante de maior prestígio é a africada /dʒ/, como mostra a carta F12 do ALAP, e indicam que, em todas as localidades pesquisadas no Amapá, a consoante oclusiva alveolar /d/, quando inserida diante de /i/ e /e/, assume a posição de uma alveopalatal [dʒ].

Do ponto de vista diatópico, os resultados mostram que nos pontos 04 (Laranjal do Jari) e 09 (Calçoene), a presença de palatalização ocorreu com 100% de frequência e nas demais localidades isso oscilou entre 90% a 75%. Do ponto de vista social, o fenômeno parece não ser influenciado nem pelo fator idade nem pelo fator sexo, mantendo-se estável.

Espera-se comparar em breve os resultados desta pesquisa com outros estudos já realizados no Brasil, como forma de identificar o perfil deste fenômeno fonético no Português Brasileiro falado em outras regiões.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Palatalização das oclusivas dentais no Português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). **Gramática do português falado**: volume VIII, novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 557-602.

AGUILERA, V. A. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.

ALTINO, F. C. **Atlas linguístico do Paraná II**. 2007. 693 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ARAGÃO, M. S.; MENEZES, C. B. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: CNPq, Universidade Federal da Paraíba, 1984.

CARDOSO, A. S. Dialetoлогия. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. **Sociolinguística, Sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016.

CARDOSO, S. *et. al* (Orgs.). **Atlas Linguístico do Brasil**: vol.1 e vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, S. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Salvador: EUFBA, 2005.

CRUZ, M. L. C. **Atlas Linguístico do Amazonas**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. V. I e II.

FERREIRA, C. *et al*. **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. (org.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011 [2002].

MOTA, J. A. Por onde caminha a palatalização no português do Brasil. In: AGUILERA, V. A.; DOIRON, M. P. B. **Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus**: uma homenagem a Michel Contini. Cascavel, PR: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016, p. 49-65.

RAZKY, A. **Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)**. Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).

RAZKY, A. Pour une approche géo-sociolinguistique de la variation phonétique.



Lenguaje (Universidad del Valle), v. 32, 2010, p. 313-330.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

ROMANO, V. P. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. **Papéis** (UFMS), v. 18, p. 135-153, 2014.

ROSSI, N. (*et al.*). **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1963.

SÁ, E. J. de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SILVA, T. C. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

THUN, H. **Dialetologia Pluridimensional no Rio Prata**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

TRUDGILL, P.; CAMPOY, J. M. H. **Diccionario de Sociolingüística**. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

ZÁGARI, M. *et al.* **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SANCHES, R. D.; NASCIMENTO, J. L. S. Palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/ e /e/ no falar amapaense. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 74-82, 2019.